



O TUIUTI



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RS E DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL

200 anos da ACADEMIA REAL MILITAR e da AMAN

Ano 2011

OUTUBRO

Nº 02

A GUERRA DO PARAGUAI EM NÚMEROS – Separata da Revista A Defesa Nacional nº 788/2008
Coronel de Artilharia e EM Nylson Reis Boiteux

O artigo reúne dados sobre a Guerra do Paraguai, conflito que, ainda hoje, é o mais expressivo referencial da história do Exército brasileiro.

O Exército brasileiro, depois da vitória contra Rosas, ficara estagnado, por culpa da política dominante (1852). Entendiam os dirigentes daquela época que ao País bastava a argúcia de sua diplomacia para resolver as questões internacionais, esquecidos de que não há diplomacia sem força. O canhão sempre foi e será a *última ratio regis*, o único argumento convincente quando se esgotam todas as soluções pacíficas. Na ordem internacional, a melhor prova de sensatez e inteligência ainda é amparar as boas intenções com as melhores armas, dizia o Barão do Rio Branco que, em outra oportunidade, por ocasião da homenagem que lhe foi prestada no Itamaraty pelo Exército, assim se expressou:

Diplomata e soldado são sócios, são colaboradores que se prestam mútuo auxílio. Um expõe o direito e argumenta com ele em prol da comunidade; o outro bate-se para fazer vingar o direito agredido, respondendo violência com violência.

É bom lembrar que política internacional não se faz com sentimentalismos e sim com a força derivada de interesses imediatos ou mediatos que cumpre salvaguardar. Os fortes são fortes porque levaram longos anos de trabalho sistemático e bem orientado para se tornarem fortes. Uma nação que se preza, que tenha um mínimo de orgulho próprio, não pode incomodar as demais porque esteja dando atenção à sua defesa nacional. Ela está apenas cumprindo um elementar dever de sobrevivência, além de procurar fazer-se respeitar no cenário internacional. Pois bem, o bravo Exército que levou nas suas fileiras, para a invasão do Uruguai, em 1851, 16 mil homens, teve aos poucos seu efetivo diminuído de tal modo que, na intervenção no Uruguai em 1864, pôde apenas concentrar, em Pirai-Grande, 4.500 homens para apoiar o *ultimatum* de Saraiva. Mais tarde, esse efetivo se elevou, com incríveis esforços, a sete mil homens, quase desprovido, porém, de todo o material que lhe era indispensável. Esse estado de coisas durou criminosamente, mesmo depois que o deputado geral por Mato Grosso, Antônio Correia do Couto, alertou o Governo dos preparativos militares do Paraguai. Era um exército pequeno, levando-se em consideração as necessidades de um país de território imenso e fronteiras sempre agitadas pelo espírito belicoso de vizinhos, particularmente ao sul, onde lutas intestinas afetavam, em muito, os interesses do Brasil, pela intranquilidade permanente que geravam. Acrescia, ademais, a situação financeira, de um lado, e a necessidade de não desviar os jovens da atividade agrícola e industrial, de outro, obrigando o Governo à contenção de gastos e limitação de efetivos. Some-se a isso o desinteresse dos políticos, que não tinham gosto das coisas militares. O pouco que havia do Exército estava disseminado pelas províncias, envolvido pela política e fazendo-se instrumento da politicagem, em pequenos destacamentos, sem coesão e sem instrução. Os arsenais

se achavam desprovidos de tudo: fardamento, armamento, munição e material de campanha. Tudo teve de ser improvisado com os recursos que iam sendo postos, sem método nem ritmo certo, à disposição dos comandos, muitos deles elementos novos, desconhecidos de nossas tropas. Foi até preciso fazer regulamentos de instrução no decorrer da campanha e no próprio teatro de operações. Mesmo assim, ao final da guerra, vencemos, a despeito da encarniçada resistência do inimigo, do clima, do terreno e do desaparelhamento geral que enfrentamos nesse grande embate, graças à notável abnegação dos soldados e do patriotismo excepcional dos oficiais e sargentos. Seja como for, foi considerável o esforço nacional, como veremos a seguir.

ORGANIZAÇÃO PARA A CAMPANHA - OS CHEFES

O efetivo do Exército, quando o Brasil teve de entrar em guerra com a República do Paraguai, estava distribuído conforme o Quadro n° 1. Desse efetivo, 13.131 homens se achavam no Estado Oriental e 13.925 na Província do Rio Grande do Sul. Declarada a guerra, o Governo brasileiro teve de reorganizar o Exército e o fez, no início das operações, extinguindo os Corpos fixos ou de guarnição, criando mais nove batalhões de Infantaria, um de Artilharia a Pé, cinco Corpos de Caçadores a Cavalo e o Corpo de Estado-Maior de Artilharia, reduzindo os quadros dos Corpos de Estado-Maior de 1ª Classe e o de Engenheiros, bem como reduzindo a três os Corpos de Cavalaria.

Mas era impossível enfrentar o adversário com tão escassos efetivos em pessoal. Não havendo reservas organizadas, o Governo, pelo Decreto n° 3.371, de 7 de janeiro de 1865, teve de criar os Corpos de Voluntários da Pátria para atender às necessidades da guerra. Tais Corpos apenas dispunham de bravura e de patriotismo, de que deram sobejas provas no transcorrer da grande luta, mas não tinham coesão, instrução nem treinamento, conseguindo, a princípio, apenas aumentar o número de soldados e as dificuldades de comando.

Quadro n° 1 - efetivo do Exército, quando o Brasil teve de entrar em guerra com o Paraguai

	<u>Oficiais</u>	<u>Praças</u>
Estado-Maior-General.....	28	
Corpo de Engenheiros	120	
Estado-Maior de 1ª Classe.....	79	
Estado-Maior de 2- Classe.....	109	
Corpo de Saúde.....	196	
Repartição Eclesiástica	38	
Artilharia ³	220	3.156
Cavalaria	239	1.864
Infantaria.....	810	10.352
Voluntários da Pátria	145	3.132
Guarda Nacional destacada.....	186	14.619
Agregados.....	2	278
Soma	2.188	33.501
Total.....		35.689

Nossas forças em operações na República do Paraguai compreendiam três Corpos de Exército. A organização do primeiro deles foi iniciada com as tropas que se achavam em Montevideu até 20 de fevereiro de 1865 e outras para ali enviadas; o segundo foi formado por parte das tropas que assistiram à rendição de Uruguaiana e outras para isso destacadas; o terceiro foi organizado no Rio Grande do Sul, o qual, em 25 de março de 1867, transpôs o Rio Uruguai, no Passo de Itaqui, com 3 mil homens, tendo à frente o Marechal-de-Campo Barão do Herval (Osorio). Em abril de 1866, o Exército dispunha, no Brasil, de 5.499 homens de 1ª linha (oficiais e praças), 2.940 dos Corpos de Voluntários da Pátria e 12.662 da Guarda Nacional, perfazendo 21.101 homens, enquanto o Exército de operações estava assim formado:

1° Corpo - 2.164 oficiais e 30.914 soldados, no total de 33.078 homens;

2° Corpo - 1.180 oficiais e 14.216 soldados, total de 15.396 homens.

Ao todo, 69.575 homens.

Em princípios de 1867, esse efetivo era de 19.932 homens no Brasil (abril) e 31.175 no Paraguai (janeiro).

Intensificadas as providências de caráter militar, de acordo com as contingências, o Exército de operações no Paraguai assim ficou formado, em dezembro de 1867:

- Comandante: Marechal Duque de Caxias;
- Quartel-General do Comandante-em-Chefe (acampamento em Tuyu-Cué).

Estado-Maior - Chefe, Coronel Fonseca Costa, três secretários, dois assistentes, seis ajudantes de campo, sete oficiais às ordens e dois amanuenses. Piquete da guarda do Comando - um oficial, um sargento e 30 praças. Outras unidades do Exército:

Piquete da guarda do Comando, Repartição do Deputado do Quartel-Mestre General, Comissão de Engenheiros, Batalhão de Engenheiros, Corpo de Transporte, Parque-geral de reserva, Depósito de foragens, Repartição dos telégrafos, Polícia dos Acampamentos, Repartição de Saúde, Repartição da Fazenda, Correio do Exército, Tipografia, Junta Militar de Justiça, 1º Corpo de Exército (Estado-Maior, 1ª DC, 7ª Brigada, 2ª Brigada e 4ª Brigada), 2º Corpo de Exército (Estado-Maior, Comissão de Engenheiros, Repartição de Saúde, 2ª Brigada de Artilharia, 3ª DC, 3ª e 6ª Brigadas), 3ª Divisão de Infantaria (9ª, 10ª e 11ª Brigadas), 4ª DC (3ª e 9ª Brigadas), 3º Corpo de Exército (Brigada de Artilharia, 9ª e 10ª Brigadas), 1ª Divisão de Infantaria (1ª e 4ª Brigadas), 6ª DC (7ª e 8ª Brigadas).

Além destas tropas, havia ainda, no acampamento do Chaco, em dezembro de 1867, uma brigada formada pelo 12º Corpo Provisório, 16º Batalhão de Infantaria, 44º Corpo de Voluntários e um contingente de Artilharia.

Estavam no Paraguai em janeiro de 1868: 133 oficiais de corpos especiais, 3.202 artilheiros, 8.599 cavaleiros, 29.357 infantes, 677 homens do Batalhão de Engenheiros e 849 do Corpo de Transporte, que totalizavam 42.817 homens, além de 762 praças no Chaco, 200 fuzileiros navais e uma Divisão de Cavalaria com 1.040 homens em Aguapehy. Os três Corpos de Exército em operações no Paraguai dispunham, em março de 1868, dos efetivos constantes do quadro abaixo:

	Homens
Corpos Especiais.....	632
Artilharia.....	2.595
Cavalaria	6.653
Infantaria	<u>21.563</u>
Total.....	31.443

Desse efetivo, 5.005 homens pertenciam ao 1º Corpo; 10.776 ao 2º, 15.186 ao 3º e 476 aos Corpos Especiais. Entretanto, as necessidades de ordem militar exigiram várias modificações na organização do Exército durante a campanha, sendo que a mais notável foi a de 6 de janeiro de 1869, após as perdas do mês anterior. O Marquês de Caxias reduziu os Corpos de Exército a dois, ficando o 3º reunido ao 1º, que continuou comandado pelo Tenente-General Manoel Luis Osorio, e o 2º continuou sob o comando do Marechal-de-Campo Alexandre Gomes de Argollo Ferrão. O 1º Corpo ficou composto da 3ª e 5ª Divisões de Cavalaria e 2ª Divisão de Cavalaria (antiga 3ª) e o 2º Corpo da 1ª e 2ª Divisões de Cavalaria e 1ª Divisão de Infantaria. Os demais corpos de Infantaria ficaram sob o comando do Coronel Antônio da Silva Paranhos, reunidos à Divisão Oriental e sob as ordens imediatas do General D. Henrique Castro. Batalhão de Engenheiros, Corpo de Pontoneiros, Corpo de Transporte e Brigada de Artilharia, ficaram sob o comando direto do comandante-em-chefe, e foram extintas as comissões de engenheiros nos Corpos de Exército, sendo criada uma junto ao Comando-em-Chefe. Em 25 de novembro do mesmo ano, o Comando-em-Chefe modificou essa organização, atendendo às contingências da situação. Foi extinta a denominação de Corpos de Exército, sendo nomeado o Marechal de Campo Victorino Monteiro para comandar as forças existentes ao norte, menos aquelas em operações no distrito de Curuguaty, enquanto estivessem às ordens do Conde D'Eu. O Brigadeiro José Antônio Corrêa da Câmara permaneceu no comando das Forças do distrito de Curuguaty e o Brigadeiro José Gomes Portinho, no das do Alto Paraná.

A natureza especial das operações que se teriam de realizar na cordilheira ditara essa conduta ao Marquês de Caxias, cuja alta competência e excepcional patriotismo sempre conseguiram atenuar toda a interminável série de falhas e deficiências da organização militar brasileira, vencendo sempre formidáveis reações do terrível adversário. Daí por diante, os efetivos foram declinando até atingir-se, em 1875, 14.161 homens em armas.

Terminada a guerra, o Governo ficara de posse de preciosos ensinamentos de ordem militar, e mesmo política, mas não quis aproveitar a experiência duramente adquirida, limitando-se a providências, frouxamente executadas, e a pequenas alterações de ordem relativamente secundária.

A Lei de 30 de junho de 1869, que fixou as forças para 1869-70, autorizou o Governo a admitir, no primeiro posto de oficial do Exército, os oficiais e praças dos Corpos de Voluntários da Pátria e da Guarda Nacional que tivessem prestado dois anos de bons serviços em campanha e a transferir de armas os oficiais do Exército que na guerra houvessem revelado aptidão para arma diferente da sua, desde que tivessem as habilitações exigidas pelas leis em vigor. Quanto à reforma compulsória, foi ela tentada, pela primeira vez, durante a guerra, em 1869, e, quanto ao recrutamento para as fileiras, o ministro da Guerra procurou, em 1866, adaptar o sistema francês de serviço obrigatório, com as modificações decorrentes da diversidade de meio. Debalde, vários de seus sucessores tentaram resolver o mesmo problema, convencidos todos da impossibilidade de continuar o Brasil na contingência do recrutamento forçado, sistema condenável sob todos os aspectos.

OS NÚMEROS DA CAMPANHA - Força Mobilizada pelo Império – 1865/70

<u>Províncias</u>	<u>População em 1872</u>	<u>Força mobilizada</u>	<u>Índices %</u>	<u>Observações</u>
Alagoas	348.009	2.656	0,6	Deste total, estiveram no teatro de operações 83.941 homens; o restante ficou como Guarda Territorial.
Amazonas	57.610	724	1	
Bahia	1.379.616	15.297	1,1	
Ceará	721.686	5.648	0,7	
Corte	274.972	11.467	4	
Espírito Santo	82.137	966	U	
Goiás	160.395	542	0,3	
Maranhão	360.640	4.536	1,2	
Mato Grosso	60.417	3.298	5	
Minas Gerais	2.102.689	6.784	0,3	
Pará	275.237	3.827	1,4	
Paraíba	376.226	2.454	0,5	
Paraná	126.722	2.022	1	
Pernambuco	841.539	7.136	0,9	
Piauí	211.822	2.705	1,3	
Rio de Janeiro	819.604	7.861	1	
R. G. do Norte	233.979	1.311	0,5	
R. G. do Sul	446.962	33.803	7	
Sta. Catarina	159.802	1.537	1	
São Paulo	837.354	6.504	0,7	
Sergipe	234.643	2.254	0,1	
TOTAIS	10.112.061	123.434		

FORÇAS NO TEATRO DE OPERAÇÕES, POR PROVÍNCIAS

- ALAGOAS - 20 Corpos de Voluntários da Pátria (VP).
- AMAZONAS - Contingentes de Voluntários da Pátria e Bateria de Artilharia.
- BAHIA – 14 Corpos de VP e dois Batalhões de Infantaria Ligeira.
- CEARÁ – Um Corpo de Voluntários da Pátria e um Batalhão de Infantaria Ligeira.

- CORTE – Sete Corpos de VP, um Batalhão de Infantaria Ligeira e uma Bateria de Artilharia a Pé.
- ESPÍRITO SANTO – Um Contingente de Voluntários da Pátria.
- GOIÁS – Um Batalhão de Infantaria Ligeira e um Esquadrão de Cavalaria.
- MARANHÃO – Três Corpos de VP e cinco Batalhões de Infantaria Ligeira.
- MATO GROSSO – Um Corpo de VP, dois Batalhões de Infantaria Ligeira, uma Bateria de Artilharia a Pé, seis Batalhões de Infantaria da Guarda Nacional e um Esquadrão de Cavalaria.
- MINAS GERAIS –Três Corpos de Voluntários da Pátria e um Batalhão de Infantaria.
- PARÁ- Dois Corpos de Voluntários da Pátria, um Batalhão de Infantaria Ligeira e uma Bateria de Artilharia a Pé.
- PARAÍBA – Dois Corpos de Voluntários da Pátria.
- PERNAMBUCO – Oito Corpos de VP, três Batalhões de Infantaria Ligeira e uma Bateria de Artilharia a Pé.
- PIAUÍ – Dois Corpos de Voluntários da Pátria.
- RIO DE JANEIRO – Quatro Corpos de VP e um Batalhão de Infantaria Ligeira.
- RIO GRANDE DO NORTE – Um Corpo de Voluntários da Pátria.
- RIO GRANDE DO SUL- Quatro Corpos de VP, três Batalhões de Infantaria Ligeira, dois Batalhões de Infantaria da Guarda Nacional, cinco Companhias de Cavalaria Ligeira, cinco unidades de Caçadores a Cavalos, 29 Regimentos de Cavalaria da Guarda Nacional e um Regimento de Artilharia a Cavalos.
- SANTA CATARINA – Um Batalhão de Infantaria Ligeira.
- SÃO PAULO - Três Corpos de VP, um Batalhão de Infantaria Ligeira, um Batalhão de Infantaria de Polícia e um Cia. de Cavalaria Ligeira.
- SERGIPE – Um Corpo de Voluntários da Pátria.

Esta é a tropa que seguiu para o teatro de operações com os três Corpos de Exército organizados pelo Império. Além desses contingentes, as províncias tinham, em armas, vários Corpos para a manutenção da ordem interna e outros casos de emergência. O Rio Grande do Sul, por exemplo, mobilizou além dos Corpos supramencionados mais 20 unidades de Cavalaria da Guarda Nacional com a denominação de *Corpos Provisórios de Cavalaria*. Ao findar a guerra, muitos Corpos estavam com a primitiva numeração alterada pelas constantes transferências ou fusões.

Hierarquia e vencimentos

<u>Exército</u>	<u>Marinha</u>
Marechal-de-Exército..... 750\$000	Almirante..... 600\$000
Tenente-General.....570\$000	Vice-Almirante..... 400\$000
Marechal-de-Campo370\$000	Chefe-de-Esquadra300\$000
Brigadeiro..... 304\$000	Chefe-de-Divisão.....240\$000
Coronel..... 240\$000	Capitão-de-Mar-e-Guerra 168\$000
Tenente-Coronel.....216\$000	Capitão-de-Fragata..... .144\$000
Major..... 134\$000	Capitão-Tenente 120\$000
Capitão..... 90\$000	Primeiro-Tenente.....72\$000
Tenente..... 62\$000	Segundo-Tenente.....60\$000
Alferes..... 56\$000	

Observações: Diária do almirante-em-chefe: 5\$000. Em campanha, soldados e oficiais percebiam, além desses vencimentos, o terço do soldo, isto é, o terço de campanha. Os oficiais que exerciam funções superiores ao seu posto tinham gratificação especial. A libra valia, então, de 10\$ a 13\$000.

Ração de Campanha - Em 1867, a ração de campanha era a seguinte: - Carne, 280g; Farinha, 140g; Erva ou café, 80 g, Açúcar, 70g, Bolacha, 90g; Sal, 90g; Fumo, 60g; Sabão, 15g; Papel, 10 g.

Forragem

Animais	Argolados			Em Operações	
	Milho	Alfafa	Pasto	Milho	Alfafa

Cavalos de oficiais	8	8	8	9	8
Cavalos de praças	6	6	9	9	6
Animais de carga	6	6	9	9	6
Animais de tração	6	8	8	9	8

Observações - Unidade libra, isto é, 459g. Duas vezes por semana, cada animal recebia uma libra de milho com duas de alfafa ou quatro de farelo. De três em três dias, cada animal recebia duas onças de sal (1 onça = 23,35g.)

Movimento Hospitalar em Campanha

	Baixas		Altas		
	Entradas	Total	Curados	Falecidos	Evacuados
1868	53.406	53.406	40.440	25.275	5.204
1869	25.615	25.615		2.290	5.220
					3.441

Baixas durante a Campanha

	Oficiais	Praças
Mortos	466	3.966
Feridos	1.280	17.317
Extraviados	31	950
Total	24.010	

Do 4° trimestre de 1867 ao 4° trimestre de 1868, o número de mortes, com percentuais em vítimas de ferimentos e do cólera, foi o expresso no quadro abaixo:

	Mortos	Ferimentos (%)	Vítimas do cólera (%)
4° trimestre de 1867	2.455	23,2	65,2
1° trimestre de 1868	1.708	9,8	52,5
2° trimestre de 1868	1.128	7,6	56,7
3° trimestre de 1868	1.042	14,9	50,1
4° trimestre de 1868	1.326	9,0	44,0

Armamento empregado pelo EB de 1864 a 1870

Canhões de bronze, raiados, <i>La Hitte</i> , calibre 4.....	39
Canhões de bronze, raiados, <i>La Hitte</i> , calibre 6.....	18
Canhões de bronze, raiados, <i>La Hitte</i> , calibre 12	36
Canhões de bronze, espanhóis, calibre 4	9
Canhões de bronze, raiados, <i>Whitworth</i> , calibre 32.....	25

Canhões de bronze, raiados, <i>Whitworth</i> , calibre 12.....	3
Canhões de bronze, raiados, <i>Whitworth</i> , calibre 2	4
Morteiros, calibre 6	4
Morteiros, calibre 8.....	10
Morteiros, calibre 10.....	1
Canhão de bronze, montanha, raiado, calibre 4	42
Canhão de bronze, campanha, raiado, calibre 4.....	9
Canhão-obus, calibre 42	6
Canhão-obus, calibre 4,5.....	12
Canhão-obus, calibre 5,5.....	2
Morteiro, 15 centímetros.....	(omitido)
Espingarda raiada, Mm/e, 14,8.....	19.749
Espingarda, raiada, M/n/e, 14,6, <i>Enfield</i>	4.320
Espingarda, raiada, <i>Robert's</i> 14,6	880
Espingarda, raiada, <i>Dreyse</i>	372
Carabina, raiada, <i>Minié</i> , 14,8.....	27.900
Carabina, raiada, <i>Minié</i> , 14,6.....	3.484
Clavina, raiada, M/me, 14,8	996
Clavina, raiada, 14,6	463
Clavina, raiada, <i>Spencer</i> , 12,65.....	2.702
Mosquetão, raiado, <i>Minié</i> , 14,66	582
Pistolas, raiadas, <i>Minié</i> , 14,8.....	5.857
Revólveres	1.250

Consumo de munição e equipamento

Armas portáteis, 72.000.000; Projéteis de Artilharia, 600.000. O equipamento do soldado consistia de: mochila com correia; cantil com correia; correia para capote; bernal para mantimentos e barraca para duas praças. Durante a campanha foram fornecidas 89.893 barracas de duas praças, 11.187 barracas de quatro praças, 1091 barracas de oficiais e outras barracas maiores (oito de 16 praças).

Munição fabricada no Brasil

Fuzil <i>Minié</i> , 14,8	9.800.000
Fuzil <i>Minié</i> , 14,66 <i>Enfield</i>	22.100.000
Fuzil <i>Dreyse</i> , agulha	1.360.000
Fuzil <i>Adarme</i> , 17	160.000
Fuzil <i>Robert's</i> , 14,66.....	3.547.500
Carabina <i>Minié</i> , 14,8	3.855.000
Carabina <i>Minié</i> , 14,66 <i>Enfield</i>	20.570.000
Carabina <i>Adarme</i> de 12	206.000
Carabina <i>Spencer</i> , 12,65	2.880.000
Mosquetão <i>Minié</i> , 14,8.....	2.886.000
Mosquetão <i>Minié</i> , 14,66 <i>Enfield</i>	280.000
Clavina <i>Spencer</i> , 12,65.....	1.740.000
<i>Adarme</i> de 12, pistola.....	200.000
Pistola <i>Minié</i> , 14,8.....	2.266.000
Pistola de 14,66	88.000
Revólveres de 12	1.800
Total geral.....	72.000.000
• Artilharia:	
<i>Whitworth</i> de 12.....	237.000
<i>La Hitte</i> , brasileiro, de 4	70.000

<i>La Hitte</i> de 12	24.850
<i>La Hitte</i> , brasileiro, de 6	22.400
<i>La Hitte</i> de 12	18.218
<i>Whitworth</i> , de 32.....	26.538
Total geral.....	399.006
• Armas Portáteis:	
Chumbo, calibre 32	200.000
• Bombas:	
De 15 centímetros	5.423
De 18 polegadas	5.995
De 10 polegadas.....	1.449
• Lanternetas:	
<i>La Hitte</i> de 4	31.028
<i>La Hitte</i> de 6	4.550
<i>La Hitte</i> de 12	4.248
<i>Whitworth</i> de 32.....	4.669
4 1/2 polegadas.....	2.050
Total de projéteis de artilharia.....	600.000
Trofeus conquistados pelo Império	
• Bocas-de-fogo - Bronze: Canhões raiados.....	30
Canhões lisos.....	75
Canhões-obuses.....	16
Canhões lisos.....	2
Canhões-obuses.....	3
- Bocas de fogo de Ferro:	
Caronadas (canhão curto e de pouca espessura)	4
Obuses	56
Morteiros.....	6
Canhões raiados.....	15
Morteiro	1
• Viaturas:	
Armões.....	24
Carros de mancheço	2
Estrados de reparo	3
Forja de campanha.....	1
Plataforma.....	1
Reparos.....	111
Rodas.....	181
• Munições	
Balas.....	1.339
Bombas.....	7.812
Granadas.....	3.855
Pirâmides.....	8
Schrapnels	21
Lanternetas de couro	43
Lanternetas de folha	23
Cartuchos.....	161
Espoletas de tempo.....	1.125
Foguetes.....	2
• Armas portáteis	

Armas de caça	4
Bacamarte de Bronze	3
Bacamarte de ferro	2
Carabina.....	402
Clavina	342
Espingarda de pederneira	2.311
Espingarda de percussão	5.692
Pistolas.....	153
Baionetas	4.012
Espadas	269
Sabres.....	7
Lanças encabadas (lanças colocadas no cabo).....	477
Lanças sem cabo.....	139
Fogueteiras.....	7
Torpedos.....	4

Forças de ocupação

De acordo com o artigo nº 20 do Tratado de Paz, o Brasil deixou, no território do Paraguai, forças de terra e mar. As forças terrestres, que ali ficaram em 1871, constavam de uma divisão, às ordens do Brigadeiro Auto Guimarães, depois Barão de Jaguarão. O total atingia 3.772 homens. Em 1872, o efetivo era de 2.870 - o 7º Batalhão de Infantaria Ligeira havia se recolhido à sua sede. Em junho de 1873, houve um movimento revolucionário no Paraguai; os rebeldes foram vencidos. Em fevereiro de 1874, estalou outro movimento armado, conseguindo assenhorear-se do poder. Em 22 de junho de 1876, a última força brasileira de ocupação deixou o território paraguaio. A Divisão Naval de ocupação, às ordens do Chefe-de-Esquadra Francisco Pereira Pinto, depois Barão de Ivinhema, ficou constituída dos seguintes vasos: *Tamandaré, Lamego, Chuí, Taquari, Fernandes Vieira, Onze de Junho, Araguaí e Itajaí*, mais dez lanchas. A repatriação do Exército Brasileiro fez-se por terra e água. Recolheram-se por terra ao Rio Grande do Sul quase todos os corpos de cavalaria – quatro Regimentos de Cavalaria da Guarda Nacional, sob o comando do Coronel Bueno, e doze Regimentos de Cavalaria da Guarda Nacional, às ordens do Brigadeiro José Luiz. Por água, via Montevidéu, embarcaram: para o Rio Grande do Sul, cinco Batalhões de Infantaria Ligeira, duas unidades de Caçadores a Cavalo, 3º Regimento de Cavalaria Ligeira, 1º Regimento de Artilharia a Cavalo; para a Corte: cinco Batalhões de Infantaria Ligeira, duas Baterias de Artilharia a Pé, Batalhão de Engenharia; para diversos destinos: Voluntários da Pátria – 17 Corpos de VP. Esses corpos já não obedeciam mais à primeira numeração; uns foram reorganizados com companhias de outros e alguns foram dissolvidos.

Orçamentos - (Receita e defesa)

Casa Imperial, mensalidade.....	90:000\$000
Orçamento da Marinha	7.600:000\$000
Orçamento do Exército	14.012:914\$872
Receita do Império	56.000:000\$000
Despesa	56.588:823\$246

Situação econômica do Império - Produção agrícola

• Comércio:	
Importação.....	131.594:000\$000
Exportação.....	141.068:000\$000
• Produção Agrícola	
Aguardente (canadas: 2,66 litros).....	2.176.461
Açúcar (arrobas)	7.298.485
Algodão (arrobas).....	1.683.625
Cabelo e crina (arrobas)	38.342
Cacau (arrobas)	292.844

Café (arrobas).....	10.807.137
Couros (arrobas).....	1.419.413
Fumo (arrobas).....	645.925
Borracha (arrobas)	286.630
Mate (arrobas).....	637.988

A produção industrial foi inexpressiva. Não obstante o esforço de Mauá, de outros capitalistas nacionais e estrangeiros e do Império, estudos compulsados mostram claramente que de 1885 a 1914 foi o período de criação da indústria brasileira: cerca de 65% do capital foram empregados nessa fase.

A Dívida de Guerra

De acordo com o artigo 3º do Tratado de Paz com o Brasil foram nomeadas comissões para avaliar a dívida pública e particular que o Paraguai indenizaria. O montante da dívida pública foi o seguinte: Ministério da Justiça, 412:3285577; Ministério da Marinha, 89.014:249\$060; Ministério da Guerra, 306.214:424\$519 e Ministério da Fazenda, 216.270:9485503, total de 611.911:950\$659. A dívida a particulares ascendeu ao total de 27.831:3495303, atribuída a 805 processos. Em 16 de agosto de 1899, os deputados Barbosa Lima, Henrique Vaz, M. da Silva, E. Berredo, Diogo Fortuna, A. Mariense, Galeão Carvalhal, Amorim Figueira, Marçal Escobar e Pinto da Rocha apresentaram um projeto de lei anulando a dívida do Paraguai. A maioria rejeitou o projeto. Os positivistas, tendo à frente o Sr. Teixeira Mendes, fizeram, nessa ocasião e depois, uma forte campanha no sentido de se perdoar a dívida. Nada, porém, se conseguiu naquela oportunidade. O Paraguai não resgatou os títulos dessas dívidas, que foram perdoadas no Governo Getúlio Vargas, em maio de 1943, como medida de confraternização necessária aos dois povos, dentro do espírito da política de boa vizinhança, então em vigor.

CONCLUSÃO

Ao longo deste ensaio, tentamos ressaltar, em linhas muito gerais, a situação do Exército nacional ao irromper a Guerra do Paraguai, o ambiente político da época, a organização das forças para a campanha e os seus respectivos chefes, A seguir, com mais detalhes, procuramos levantar, em números, nossa participação no sangrento conflito, desde a mobilização inicial até chegarmos às forças de ocupação que ficaram no Paraguai após o término da contenda. Elementos do quadro econômico-financeiro do País também foram objeto de apreciação, com a finalidade de caracterizar o esforço de guerra nacional. Em síntese, são pontos a repisar e a comentar:

- A Guerra do Paraguai encontrou o Exército despreparado, tanto em efetivos quanto em material. Muito embora se tenham levantado vozes de civis e militares advertindo o País sobre esse estado de coisas, o Brasil não estava em condições de fazer frente ao seu adversário, que por longos anos se havia preparado para a campanha, dispondo de um efetivo inicial considerável.
- Concorria para agravar a nossa crítica situação o espírito dos políticos da época, cuja grande maioria não tinha o devido apreço pelos assuntos militares, opondo-se, muitas vezes, a que se fizesse, quando se tratava das Forças Armadas, um trabalho patriótico, sistemático e continuado.
- Apesar de ser improvisado com os recursos que estavam sendo postos, sem método nem ritmo certo, à disposição, nosso Exército conseguiu sair vencedor, mais pela notável abnegação e pelo patriotismo excepcional dos oficiais e praças, que supriram, com seu ardor, as gritantes falhas materiais.
- Na impossibilidade de enfrentar o adversário com tão escassos efetivos e não havendo reservas organizadas, o Governo, pelo Decreto nº 3.371, de 7 de janeiro de 1865, teve de criar os Corpos de Voluntários da Pátria, que tantos e tão grandiosos feitos realizaram durante a campanha, com bravura e patriotismo, não obstante sua deficiente formação militar.
- Iniciamos a campanha com três Corpos de Exército, num total de 31.443 homens. Desse efetivo, 3.005 homens pertenciam ao 1º Corpo; 10.776 ao 2º Corpo; 15.186 ao 3º Corpo e 476 aos Corpos Especiais.
- As necessidades de ordem militar determinaram uma nova organização para o combate, em 6 de janeiro de 1869, após as perdas do mês anterior. O Marquês de Caxias reduziu os Corpos de Exército a dois. O 3º ficou reunido ao 1º, que continuou comandado pelo Tenente-General Manoel Luiz Osorio,

da mesma forma que o 2º, comandado pelo Marechal-de-Campo Alexandre Gomes de Argollo Ferrão. Outras modificações surgiram em face das contingências do conflito, particularmente em 25 de novembro, para atender às operações de natureza especial na cordilheira;

- Foi tentada, durante a campanha, a adoção do sistema francês do serviço militar obrigatório, com as modificações decorrentes da diversidade do meio, nada se tendo conseguido.

- No que concerne à força mobilizada pelo Império, o quadro que a espelha evidencia que foram três as províncias que mais contribuíram proporcionalmente para a formação dos efetivos: Rio Grande do Sul (7%), Mato Grosso (5%), e Corte (4%).

- Os vencimentos eram compatíveis, graças à complementação do terço de campanha. O pessoal do Exército percebia, em alguns postos, remuneração maior que na Marinha. Difícil é saber a razão exata dessa diferença, já que os riscos e esforços da campanha se equivaliam.

- A ração de campanha era parcimoniosa. Os recursos locais foram amplamente utilizados para a complementação alimentar da tropa. É de se notar a falta de legumes, hortaliças, frutas, massa, ovos, feijão, leite, etc. Pode-se afirmar, em vista disso, que, considerando-se os padrões atuais, o balanceamento alimentar era precário para as necessidades de uma tropa em campanha.

- No que se refere à forragem, também a tabela alimentar era deficiente. Todavia a utilização do verdejo das pastagens locais compensava, em parte, o desequilíbrio da ração.

- O movimento hospitalar em campanha nos evidencia que o ano de 1868 apresentou o maior efetivo em campanha, daí a razão de 53.406 homens terem sido hospitalizados ou recebido atendimento médico em combate. É bom ressaltar que 138 mil homens foi o máximo que o Exército colocou em armas durante a guerra. Portanto, quase 38,7% do Exército em operações (53.406 homens) foram, de alguma forma, atendidos pelo Serviço de Saúde. Desse total tivemos em relação ao efetivo entrado como baixas: curados, 40.440 (8,8%); falecidos, 5.204 (9,7%) e evacuados, 5.220 (9,7%).

- A mortalidade durante a campanha chama a atenção para as perdas relativas ao cólera, muito maiores do que os ferimentos recebidos pelo pessoal, considerando o período apresentado, que é uma amostragem significativa de toda a guerra. Isso nos leva a concluir que as condições de clima hostil, águas impróprias para o consumo, regiões inóspitas que a nossa tropa enfrentou no teatro de operações do Paraguai foram os maiores responsáveis pela mortalidade. Acresce, ademais, que a deficiência da alimentação e as emanções pestilentas dos pântanos concorriam para dizimar não só homens como animais.

- O armamento utilizado pelo Exército não era homogêneo, bastando observar que tivemos canhões *La Hitte*, *Whitworth*, espingardas *Minié*, *Robert's*, *Dreyse* e clavina *Spencer*, o que dificultou a logística do remunciação. O equipamento era sumário, sofrendo a tropa falta de agasalhos para enfrentar o rigoroso inverno no teatro de operações.

- A fabricação de munição no Brasil exigiu grandes esforços do pessoal habilitado. Considerando-se a situação do País e os meios existentes, foi realmente extraordinário esse esforço de guerra. Mesmo assim, houve importação, durante a campanha, de munição e armamento. As espingardas dos tipos *Minié* e *Enfield* foram adquiridas na Bélgica e na Inglaterra, mesmo havendo fabricação nacional. Como se observa no quadro referente à situação econômica do Império, nosso país era de economia primária, exportando tão somente produtos agrícolas, não figurando na pauta de exportação nada manufaturado ou industrializado. Havia desequilíbrio nas contas nacionais; já a despesa era superior à receita. Na balança comercial o saldo nos era favorável.

- A dívida de guerra foi elevada. O Paraguai nunca nos resgatou os títulos dessa dívida, que foi perdoada no Governo Getúlio Vargas (maio de 1943), como medida de confraternização entre os dois países.

- A conquista do troféus pelo Império teve apenas o valor moral da vitória. O conjunto de armas tomadas ao inimigo não reflete o poderoso arsenal utilizado pelo Paraguai na contenda e já longamente acumulado para o uso na guerra.

- A campanha do Paraguai trouxe consigo três grandes problemas para os quais o Império não estava devidamente preparado: a desmobilização (amparo aos ex-combatentes); a pensão militar (montepio)

para as viúvas dos combatentes; e os órfãos dos militares caídos no cumprimento do dever. Com o decorrer do tempo foi-lhes sendo dada legislação adequada, mas fragmentada e incompleta. Muitos problemas se arrastaram longamente. Como iniciativa feliz, é justo assinalar a que concerne aos órfãos, amparados pela criação do Colégio Militar do Rio de Janeiro, instituído pelo Conselheiro Tomás Coelho.

- As forças em operações, com pessoal oriundo de todas as províncias, adquiriu o *caráter nacional* e do *povo em armas* com a efetiva participação dos Voluntários da Pátria. O Exército Brasileiro fez honra às Forças Armadas e estas honraram o Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Pedro Cordolino F. História Militar. Rio: Departamento de Imprensa Nacional, 1952.

CERQUEIRA, Dionísio. Reminiscências da Campanha do Paraguai - (1865-70)- Edição Especial – Rio: Biblioteca do Exército Editora, 1980.

DUARTE, Paulo de Queiroz, Gen. Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai (Coleção). Rio: Biblioteca do Exército Editora, 1982.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio: Edição de 18 de novembro de 1934.

LIMA, Oliveira - O Império Brasileiro (1822-89) - Coleção Temas Brasileiros - Volume 58. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

MADUREIRA, A. de Sena - Guerra do Paraguai - Coleção Temas Brasileiros – Volume 22. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

MAGALHÃES, João Batista - A Evolução Militar do Brasil. Rio: Biblioteca do Exército Editora, 1998.

MINISTÉRIO DO EXTERIOR - Relatório de 1882.

MINISTÉRIO DA FAZENDA - Relatório de 1877.

MINISTÉRIO DA GUERRA - Relatórios de 1865-70

VAL, Nilo - Formação do Exército Brasileiro e Sua Evolução no Séc. XIX- Notas mimeografadas - sem data. Neste trabalho o leitor encontrará as organizações dos Corpos, Divisões e Brigadas detalhadamente apresentadas.

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel, Delegado da AHIMTB/RS, Porto Alegre, RS.

lecaminha@gmail.com